

# PERSPECTIVAS LUSO-BRASILEIRAS EM ARTES E COMUNICAÇÃO

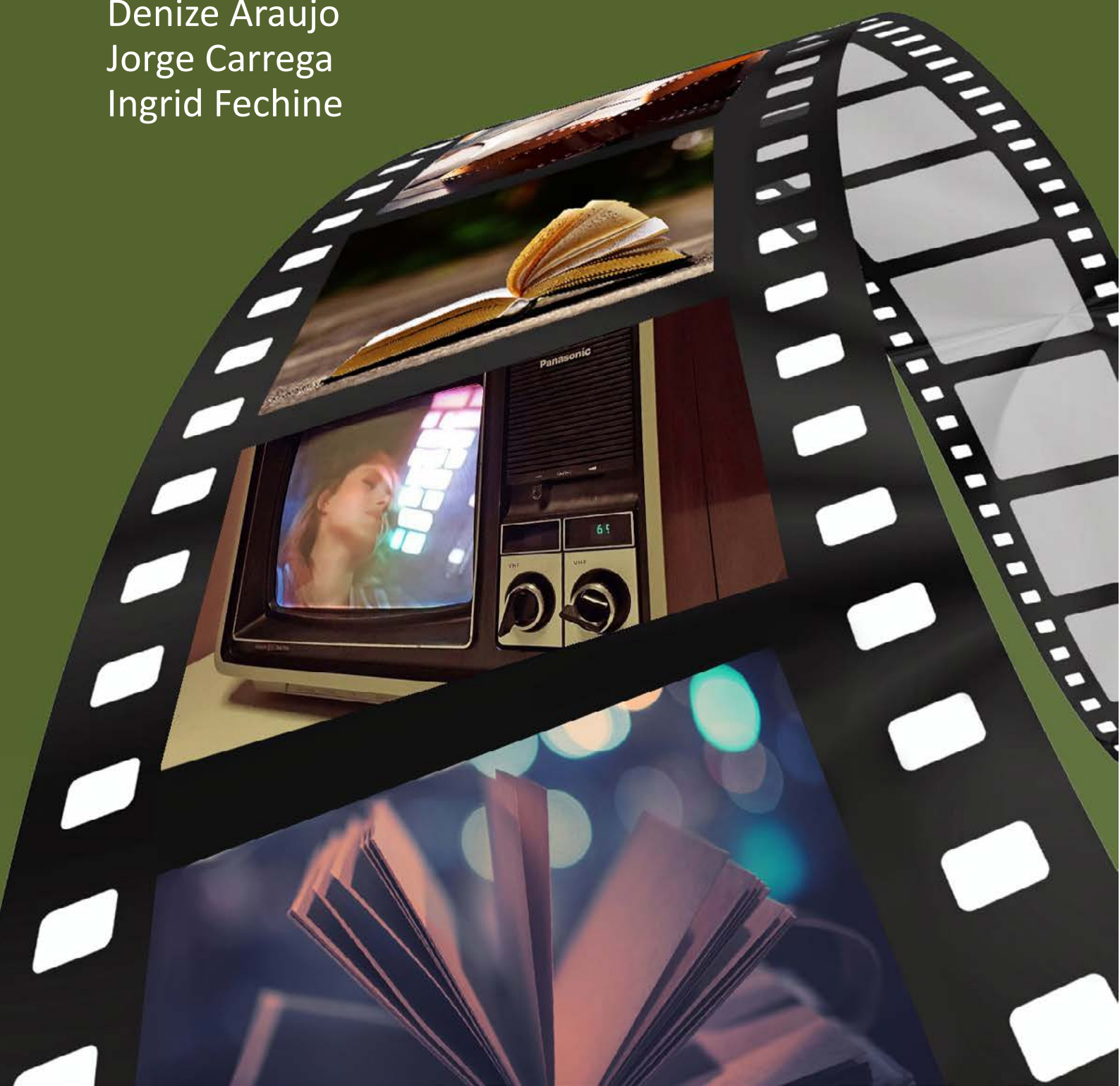
Vol. 2

(Org.)

Denize Araujo

Jorge Carrega

Ingrid Fachine



**Organizadores**  
**Denize Araujo**  
**Jorge Carrega**  
**Ingrid Fechine**

# **PERSPECTIVAS LUSO-BRASILEIRAS EM ARTES E COMUNICAÇÃO**

**Vol. 2**

Uma edição do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Memória e Cultura Popular” da UEPB- Universidade Estadual da Paraíba (Brasil) com a colaboração do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (Portugal) e o CIC – Grupo de Pesquisa “Comunicação, Imagem e Contemporaneidade” da UTP- Universidade Tuiuti do Paraná.

## CONSELHO CIENTÍFICO

Doutora Teresa Araújo – Universidade Nova de Lisboa  
Doutora Denize Araujo – Universidade Tuiuti do Paraná  
Doutor José Bidarra – Universidade Aberta  
Doutora Ioli Campos – Universidade Nova de Lisboa  
Doutor Paulo Cunha – Universidade da Beira Interior  
Doutora Ingrid Fachine – Universidade Estadual da Paraíba  
Doutora Goretti Maria Sampaio de Freitas – Universidade Estadual da Paraíba  
Doutora Irenilda de Souza Lima – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Doutor Paulo Munhoz – Universidade Tuiuti do Paraná  
Doutora Robéria Nádia A. Nascimento – Universidade Estadual da Paraíba  
Doutor Rodrigo Oliva – Universidade Paranaense  
Doutor Wiliam Pianco – Universidade do Algarve  
Doutor Pedro Cabral Santo - Universidade do Algarve  
Doutor Bruno Silva – Universidade do Algarve  
Doutora Fátima de Sousa Silva – Universidade de Coimbra  
Doutora Ana Isabel Soares – Universidade do Algarve  
Doutora Mirian Tavares – Universidade do Algarve  
Doutor Vítor Tomé – Universidade do Algarve

## ORGANIZAÇÃO

Denize Araujo | Jorge Carrega | Ingrid Fachine

**Perspectivas Luso-Brasileiras em Artes e Comunicação**  
Vol. 2

© 2019 Copyright by Denize Araujo, Jorge Manuel Neves Carrega e Ingrid Fachine  
(Organizadores)

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA OS AUTORES:**

**Grupo de Pesquisa “Comunicação, Memória e Cultura Popular” da Universidade  
Estadual da Paraíba**

Rua Baraúnas, nº: 351, Bairro Universitário, Campina Grande, CEP: 58429500  
[ingridfachine@yahoo.com.br](mailto:ingridfachine@yahoo.com.br)

**CIAC-Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve**  
FCHS-Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8005-139 Faro  
[www.ciac.pt](http://www.ciac.pt) | [secretaria.ualg@ciac.p](mailto:secretaria.ualg@ciac.p)

**ISBN: 978-989-8859-68-6**

Todas as fotos são da responsabilidade dos respectivos autores e editor.

**Capa, composição, paginação e organização gráfica:**

Elissama Vitor Barreto

# SUMÁRIO

---

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

Irenilda de Souza Lima | 8

### INTRODUÇÃO

Denize Araújo, Jorge Carrega e Ingrid Fachine | 10

## PARTE I: CINEMA

### O COTIDIANO DA CRÍTICA DE CINEMA BRASILEIRA CENSURADA E A PERSEGUIÇÃO AOS CRÍTICOS

Margarida Maria Adamatti | 13

### OS CINEJORNAIS COMO INSTRUMENTOS DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA NA DÉCADA DE 1930

Alvaro Eduardo Trigueiro Americano | 27

### CONSTRUÇÕES DA IMAGEM: MECANISMOS DE TRANSMISSÃO DAS IMAGENS EM DOIS FILMES DE MANOEL DE OLIVEIRA – *DOURO, FAINA FLUVIAL E O PINTOR E A CIDADE*

Hugo Barreira | 41

### 1927-1935: CINEASTAS EUROPEUS NAS ORIGENS DO MANEIRISMO DE HOLLYWOOD

Jorge Manuel Neves Carrega e Mirian Estela Nogueira Tavares | 59

### EXPERIMENTAÇÕES DO ROTEIRO NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Patrícia Dourado | 72

### O DOGMA 95 COMO DISPOSITIVO FÍLMICO E OBJETO COMUNICACIONAL

Luis Fernando Severo | 85

### A RELAÇÃO MIMÉTICA ENTRE O PÚBLICO E A IMAGEM CINEMATOGRAFICA: A INFLUÊNCIA DO CINE-TEATRO IRAPUÃ NOS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE DA CIDADE DE ITORORÓ-BA

Clédson Luciano Miranda dos Santos | 97

**RACIALIDADE, BRANQUITUDE E BRANQUEAMENTO NO CINEMA  
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: *QUE HORAS ELA VOLTA?*,  
*AQUARIUS* E *O CRIME DA GÁVEA***

**Marcello Messina, Cicero Dantas, Jeissyane Furtado, Lisânia Ghisi, Teresa Di Somma | 115**

## **PARTE II: ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DA BIBLIOTECA BARROCA À EMERGÊNCIA DO SUJEITO: UMA LEITURA  
DO ROMANCE ‘PIDIENDO UNA DAMA LA MEMORIA DE LOS LIBROS  
QUE EL AUTOR TENÍA EN SU CASA, SE LE ENVIÓ ESTA’, DE D. FRANCISCO  
MANUEL DE MELO**

**Sandra Boto | 133**

**QUASE-MEDIUM: DA SUBVERSÃO À HIBRIDAÇÃO**

**Pedro Correia, Bruno Mendes da Silva e Mirian Tavares | 144**

**“MÁS VALE QUE NO TENGAS QUE ELEGIR”: JOAQUÍN SABINA E A LINHA TÊNUE ENTRE A LITERATURA E A MÚSICA**

**Josely Teixeira Carlos | 156**

**1867/8: A ODISSEIA SUBMARINA DE JULES VERNE**

**Ana Alexandra Seabra de Carvalho | 170**

**REDES, VOZES E RENDAS: JORNALISMO CULTURAL E ASSESSORIA DE  
COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE DIVULGAÇÃO, DESENVOLVIMENTO  
E VISIBILIDADE DAS PRODUÇÕES DAS RENDEIRAS DA PARAÍBA**

**Ingrid Fechine e Elissama Barreto | 185**

**COMUNICAÇÃO, CULTURA E ESTÉTICA: A ERA PÓS-LIKE E AS RECORRENTES  
MUDANÇAS NAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS NA INTERNET**

**Lucas Guedes | 202**

**OS RUÍDOS DAS IMAGENS NO FILME “NATUREZA MORTA”**

**Eduarda Kuhnert | 214**

**ENTRE A PROSA E A POESIA: DIMENSÕES LITERÁRIAS  
DO JORNALISMO DE REVISTAS**

**Robéria Nádia Araujo Nascimento e Emanuel Gomes de Oliveira | 230**

**NUANCES DO PROTAGONISMO FEMININO: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS  
TELEFICÇÕES *GABRIELA E TIETA***

**Robéria Nádia Araujo Nascimento e Valtynnya Campos Pires | 242**

**A ANTIGUIDADE GRECO-LATINA NA COMUNICAÇÃO E NA ARTE  
CONTEMPORÂNEAS – O EXEMPLO DAS “TRÊS GRAÇAS”.**

**Adriana Freire Nogueira | 254**

**O DESEJO DE PRESENTIFICAR O PASSADO: AS OPERAÇÕES MEMORÁVEIS DE  
CULTURAS JUVENIS NA URBANIDADE DO SÉCULO XXI**

**Éverly Pegoraro | 271**

**IMAGENS INSURGENTES: A PLURIDIVERSIDADE DA ARTE DE MÁRIO VITÓRIA**

**Ana Carmem do Nascimento Silva e Vânia de Vasconcelos Gico | 286**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE TECNOLOGIA E IDENTIDADE NA FOTOGRAFIA  
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**

**Fernando Artur de Souza | 300**

**PAISAGEM: UM RECURSO SEMIÓTICO**

**Tiago Cruz, Fernando Paulino e Mirian Tavares | 311**

**EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA DIGITAL E PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA:  
UM PROJETO COMUNITÁRIO COM CRIANÇAS DO PRÉ-ESCOLAR  
E 1º CICLO EM PORTUGAL**

**Vitor Tomé | 323**

**A ARTE EM CONEXÃO COM O REAL: APLICAÇÃO DA REALIDADE  
AUMENTADA NA CONTEMPORANEIDADE**

**Dilson Carneiro de Oliveira, Analaura Corradi e Luiza Elayne Correa Azevedo | 342**

**NOTAS BIOGRÁFICAS | 358**

Ana Alexandra Seabra de Carvalho  
FCHS – Universidade do Algarve

**Resumo:** De todos os escritores franceses, Jules Verne será talvez o mais conhecido e reconhecido fora do seu país. Pai – com H. G. Wells – da ficção científica, segundo uns; ou mero autor de livros para a juventude, segundo outros, ele revela-se, na verdade, um mestre da narrativa de aventuras, de divulgação científica e de antecipação. Neste estudo, começaremos por uma síntese dos aspetos principais da sua vastíssima obra; em seguida, recordaremos um dos seus mais afamados romances: *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

**Palavras-chave:** Verne; Viagens; *Vinte Mil Léguas Submarinas*

**Abstract:** Of all the French writers, Jules Verne will perhaps be the best known and recognized outside of his country. Father - with H. G. Wells - of science fiction, according to some; or mere author of books for the youth, according to others, he reveals himself, in fact, as a master of adventure, scientific and anticipation narratives. In this study, we will begin with a synthesis of the main aspects of his vast work; then we will remember one of his most famous novels: *Twenty Thousand Leagues Under the Seas*.

**Keywords:** Verne; Voyages; *Twenty Thousand Leagues Under the Seas*



Figura 1. Jules Verne por volta de 1874

## O AUTOR E A OBRA

Jules Verne, por muitos considerado um dos romancistas mais imaginativos, tornou-se imortal ao deixar como marca algumas ideias audazes, fruto de um espírito curioso e culto, tanto no campo da literatura como no do progresso científico-tecnológico. A vasta obra verniana é uma das mais traduzidas no mundo, o que comprova que o autor francês, na interseção do presente e do futuro, foi capaz de revelar com grande mestria os sonhos da sua época e antecipar as visões de um mundo novo, onde o cientista ocupa uma posição de destaque. Consequentemente, Verne é um dos escritores mais adaptados ao cinema, televisão e BD. No entanto, recusamos a classificação redutora de mero autor de livros para a juventude e consideramo-lo, isso sim, um mestre da narrativa de aventuras, de divulgação científica e de antecipação, ou, nas palavras de Hamon e Roger-Vasselín (2000):

“Longtemps confinée dans un statut de littérature enfantine, ou de littérature ‘d’anticipation scientifique’, l’œuvre romanesque de Jules Verne est certes orientée vers le XIX<sup>e</sup> siècle et ne peut en être dissociée : elle s’en nourrit tant pour les sujets des romans que pour les personnages, leur comportement, leur idéologie, leur façon de parler. Toutefois, elle apparaît aujourd’hui moins tournée vers l’amusement scientifique que vers les grandes questions du XIX<sup>e</sup> siècle et l’interrogation sur l’imaginaire et les potentialités du langage. *Les Voyages Extraordinaires* constituent un témoignage sur une époque qui refuse de renoncer au rêve et à l’imaginaire et s’interroge sur son évolution. Ils appartiennent désormais à la littérature classique.” (Hamon e Roger-Vasselín, 2000: 1384)

Antes de analisarmos essa espantosa odisséia submarina realizada em 1867-68 a bordo do não menos extraordinário *Nautilus*, comecemos por uma brevíssima síntese biobibliográfica do autor francês. Jules Gabriel Verne (1828-1905) nasce em Nantes, no seio de uma família burguesa. Filho do advogado Pierre Verne e de Sophie Allote de la Fuÿe, tem um irmão e três irmãs mais novos. Verne estuda Direito por influência paterna, primeiro na sua cidade natal e depois em Paris. Após um desgosto amoroso, muda-se definitivamente para a Cidade-Luz em 1848, onde conhece um dos seus autores prediletos, Alexandre Dumas Pai, e se torna amigo de Victor Hugo e de Alexandre Dumas Filho. Inicia-se na escrita literária (poesia, teatro e narrativa fantástica) por paixão e como forma de obter algum rendimento. Depois da sua formatura em Direito, passa a trabalhar como secretário no Teatro Lírico de Paris. Nessa época, Verne já se interessa muito pelas descobertas científicas, aprofundando os seus estudos em vários domínios, nomeadamente o da Geografia.

Em 1857, casa com Honorine Deviane, jovem e abastada viúva, mãe de duas filhas. Para sustentar a família, Jules Verne trabalha na Bolsa de Valores de Paris, mas sem abandonar as suas pesquisas e a escrita. Nos anos subsequentes, viaja por Inglaterra e pela Escandinávia<sup>1</sup>. 1861 é uma data auspiciosa para Verne: nasce o seu filho (Michel Jean Pierre Verne) e trava conhecimento, através do amigo Dumas, com o editor Pierre-Jules Hetzel. Este último deseja publicar uma coleção de obras didáticas para a juventude que conciliem a moral humanista e o entretenimento. Apaixonado por viagens, geografia e tecnologia, Jules Verne será o escolhido para criar estas histórias extraordinárias, cujo duplo objetivo é, por um lado, fazer uma súmula dos conhecimentos nas áreas da Geografia, Geologia, Física, Biologia, Zoologia, etc. proporcionados pela Ciência do tempo, e, por outro, apresentar uma História do Universo de forma atraente, mas muito bem informada. Assim, em 1862, Hetzel aceita o manuscrito do romance *Cinco Semanas em Balão* e assina um contrato com o escritor, o qual se compromete a produzir dois volumes por ano durante duas décadas. Nasce, então, o ambicioso projeto das *Viagens Extraordinárias*, que se prolongará até à morte do autor (1863-1905). O público-alvo definido não será composto apenas por adolescentes fãs do *Magasin Illustré d'Éducation et de Récréation*, mas também por adultos amantes de temática geográfica e científica. No final da vida, Verne terá sido autor de mais de cem títulos (poesia, teatro, ficção narrativa e várias obras de divulgação científica, geográfica e cultural<sup>2</sup>).

Na verdade, o contrato inicial com Hetzel é renovado, e a publicação das *Viagens Extraordinárias* estende-se por cerca de quarenta anos. Neste longo período, não é de estranhar que se verifique uma evolução na escrita do autor. Assim, de início, surge o

1 Mais tarde, empreenderá outras viagens: em 1867, embarca para uma visita aos EUA; nos anos 80, realiza vários cruzeiros pela Noruega, Irlanda e Escócia (1880), pelos mares do Norte e Báltico (1881) e pelo Mediterrâneo (1884).

2 Nesta última categoria, citemos a título de exemplo: *Géographie Illustrée de la France et de ses Colonies* (1868); *Histoire des Grands Voyages et des Grands Voyageurs* (1878); *Christophe Colomb* (1883).

estranho: as primeiras obras, muito elogiadas por Théaophile Gautier, giram à volta de “viagens extraordinárias” a lugares inexplorados e insólitos, tais como: as nascentes do Nilo (*Cinco Semanas em Balão*, 1863); o Polo Norte (*Viagens e Aventuras do Capitão Hatteras*, 1866); as profundezas da Terra (*Viagem ao Centro da Terra*, 1864); a Lua (*Da Terra à Lua*, 1865; *À Volta da Lua*, 1870); os fundos submarinos (*Vinte Mil Léguas Submarinas*, 1869-70). Surgem igualmente meios de transporte inusitados: o balão de ar quente, o projétil lunar ou o submarino. Depois, a série de aventuras ocupa-se mais de questões de natureza histórica, geográfica e sociopolítica: *Miguel Strogoff* (1876), *As Atribulações de um Chinês na China* (1879), *Matias Sandorf* (1885), *Norte contra Sul* (1887). A partir de 1887, Verne retoma, porém, temas anteriores em romances como *O Soberbo Orenoco* (1898), *A Invasão do Mar* (1905), *O Farol do Fim do Mundo* (póst. 1906), mas também escreve narrativas de tom mais paródico: *Fora dos Eixos* (1889) ou *O Testamento de um Excêntrico* (1899). Em contraponto, em certos textos finais, o otimismo inicial relativamente ao progresso científico e tecnológico torna-se mais sombrio. Citemos os exemplos de *Família Sem Nome* (1889), *A Ilha de Hélice* (1895) ou *A Aldeia Aérea* (1901). Apaixonado pela obra de Edgar Allan Poe, redige *A Esfinge dos Gelos* (1897) como continuação das *Aventuras de Arthur Gordon Pym*.

Perto da morte, J. Verne cria uma forte inimizade com Émile Zola e é devastado pela doença, escrevendo, porém, até ao último fôlego, sobrevivendo a 24 de março de 1905. Contudo, ainda assiste a homenagens à sua obra, nomeadamente a adaptação do seu romance por Georges Méliès no filme *Viagem à Lua* (1902) ou a publicação, um ano mais tarde, do romance *O Submarino “Júlio Verne”* de Gustave Le Rouge. Algumas das obras deixadas inéditas, serão publicadas pelo filho, Michel Verne.

De acordo com os já citados Hamon e Roger-Vasselin (2000), podemos considerar que existe, nas *Viagens Extraordinárias*, uma inspiração fantástica, herdada do Romantismo. Assim, as jornadas por regiões inexploradas, como os polos ou o centro da Terra, apresentam abundantes cenas estranhas representadas nas numerosas ilustrações das edições Hetzel – criaturas quase de fantasia, como o homem invisível (*O Segredo de Wilhem Storitz* – póst. 1910), monstros como o da *Esfinge dos Gelos* (1897), fantasmas como em *As Índias Negras* (1877) e *O Castelo dos Cárpatos* (1892). No conjunto da sua obra, o autor questiona os limites do género que pratica, conjugando o romance de aventuras, a fantasia, o realismo, o humor e a sátira social (Hamon e Roger-Vasselin, 2000: 1382-1389).

Todavia, no geral, as narrativas vernianas revelam igualmente uma forte preocupação com a verosimilhança científica e técnica. Na base da sua invenção ficcional, recheada de reviravoltas e enigmas, encontra-se um trabalho árduo de documentação (leituras e experiência de viagens aos EUA, países nórdicos e mediterrânicos). Por um lado, o autor liga-se aos grandes romancistas coevos ao criar um universo coerente, onde várias personagens funcionam num ciclo organizado (nomeadamente, o do Capitão Nemo). Por outro, torna-se um autor emblemático para os leitores do século XX:

os surrealistas valorizam a beleza visionária das suas descrições; o poder poético das listas de animais, plantas ou objetos bizarros; ou ainda os aspetos anacrónicos do seu pensamento (o ódio ao ouro, por exemplo) (cf. Lemaître, 1994: 869-870).

Apesar da inspiração recolhida nas suas viagens marítimas, Jules Verne insere-se, sobretudo, na longa tradição da viagem imaginária. Porém, moderniza o género, graças às bases científicas sólidas que adquire através das suas leituras (por exemplo, em *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* [1872-73]; ou em *A Ilha Misteriosa* [1874-75]). O autor inventa vários meios de transporte visionários, embora partindo sempre da realidade e experiências científico-tecnológicas coevas: o submarino *Nautilus* do Capitão Nemo (1869-70 e 1874-75); o *Albatroz*, misto de helicóptero e dirigível, uma espécie de navio dos ares em *Robur, o Conquistador* (1886); o *Gigante de Aço* de *A Casa a Vapor*, locomotiva a vapor, em forma de um enorme elefante de aço que puxa uma espécie de comboio composto por dois imensos vagões à prova de bala montados, cada um, sobre quatro rodas de grande solidez e com lagartas para poder mover-se em qualquer tipo de terreno (1879-80).

Para além disso, Jules Verne é igualmente um cidadão atento aos acontecimentos sociais e políticos do seu tempo, os quais enriquecem a sua obra, que pode também ser considerada como um documento, ou espelho da sociedade. Exemplo disso é, nas *Vinte Mil Léguas Submarinas* e em *A Ilha Misteriosa*, a personagem do Capitão Nemo (nome falso cujo simbolismo deriva do seu significado latino: “Ninguém”), príncipe hindu, autoexilado no fundo dos mares devido à sua insubmissão perante a Inglaterra colonial, e que personifica a revolta contra o opressor e a defesa dos oprimidos.

A temática<sup>3</sup> da vastíssima obra verniana não poderia deixar de ser numerosa, embora predominem os temas da viagem e da geografia; da utopia e da distopia (numerosas cidades ideais, ou que, pelo contrário, se desmoronam, como a futurista Milliard City, em *A Ilha de Hélice*); da ciência e do progresso. Com efeito, segundo Hamon e Roger-Vasselin (2000: 1385):

“Explorateur, colonisateur ou touriste, le héros vernien se caractérise par une envie d’arpenter la Terre, de connaître les lieux inexplorés, d’atteindre les pôles ou le centre de la Terre, de percevoir l’origine de l’univers ou sa fin. Il rêve d’enfermer le monde dans des limites bien marquées. Aussi éprouve-t-il un besoin et un véritable plaisir à dresser des cartes et à rédiger le récit de son voyage, s’appropriant l’univers dans une représentation écrite.”

Desta forma, destaca-se uma literatura de viagens geográfica, de exploração de lugares desconhecidos, que combina vários níveis: viagem científica, viagem iniciática, viagem de prazer. O título aglutinador do grosso da obra verniana, *Viagens Extraordinárias*, liga-o à obra homérica, sendo que o Capitão Nemo evoca o nome falso que Ulisses dá a Polifemo (“Ninguém”). Os heróis vernianos são movidos pelo desejo de percorrer o mundo conhecido e desconhecido, completando as cartas geográficas.

3 Cf. *Thématique de l’œuvre de Jules Verne* (2018).

Como vimos, um dos objetivos da série é representar o Mundo inteiro sob a forma de romance geográfico e científico. Para isso, eles partem de explorações anteriores, reais ou imaginárias. A viagem geográfica predomina nos primeiros romances: *Cinco Semanas em Balão* (a busca das fontes do Nilo); o capitão Hatteras, por seu turno, decide atingir o Polo Norte; os filhos do Capitão Grant partem para reencontrarem o pai, acompanhados pelo geógrafo Paganel. A sua busca é pontuada por diversos cataclismos (avalanche, sismo, inundação), que, no entanto, contribuem para a prossecução da expedição.

Derivada da viagem geográfica, a viagem científica explora agora o mundo real, mas do qual só se tem conhecimento através da ciência livresca. Deste modo, a viagem constitui-se como fonte de aprendizagem dos recônditos ainda inexplorados do nosso Planeta. Por exemplo, em *Vinte Mil Léguas Submarinas*, a ictiologia conduz frequentemente a narrativa com as suas longas listas de múltiplos exemplares da fauna marinha observados agora no seu habitat natural. Tal como, na *Viagem ao Centro da Terra*, o olhar curioso e ávido de saber se detém nas áreas da mineralogia e da paleontologia.

A considerar, igualmente, a viagem iniciática como exaltação da capacidade de superação humana na conquista de inexploradas regiões míticas: as fontes do Nilo, os polos e o centro da Terra, ou mesmo a Lua. De acordo com Simone Vierende (Vierende, 1973), a viagem iniciática manifesta-se na obra verniana em vários graus. Assim, a autora considera como viagem iniciática do 1º grau aquela que configura a demanda e a viagem de exploração (exemplos: *Viagem ao Centro da Terra*, *Cinco Semanas em Balão*, *Viagens e Aventuras do Capitão Hatteras*, *Da Terra à Lua*, *À Volta da Lua*, *Os Filhos do Capitão Grant* – demanda do pai –, *O Soberbo Orenoco* – demanda do pai e da sexualidade de Jean de Kermor, que, afinal, é uma mulher). Porém, a busca do passado pode tornar-se uma introspeção, como em *A Jangada* (1881). Por outro lado, recorde-se que o tema do rio – símbolo da vida – é muito importante na obra de J. Verne como condutor da demanda, transformando os romances de aventura em narrativas de formação, de aprendizagem da vida e busca da felicidade. Simone Vierende inclui no grupo de obras que designa como viagens de iniciação do 2º grau (ou heroica) aquelas em que o herói está investido de uma luta e não de uma demanda, como *Miguel Strogoff*. Por último, a autora considera a viagem iniciática do 3º grau (ou superior), como a que surge em *A Ilha Misteriosa*, onde as personagens julgam estarem em contacto com o sagrado, uma entidade divina escondida na ilha. No entanto, a revelação final será a humanidade do seu protetor – o Capitão Nemo!

Por último, existe ainda a viagem de prazer. Com efeito, no final dos anos 90 do século XIX, o Planeta está praticamente todo descoberto. Então, Verne vira-se para as viagens de prazer, organizadas por agências especializadas, como em *Clovis Dardentor* (1896), que retoma a trama da peça *A viagem do senhor Perrichon*, de Eugène Labiche.

Para além da viagem, como sabemos, também a temática da ciência e do progresso está constantemente presente nas obras de Verne, seja através da vulgariza-

ção do saber da época, seja antecipando criativamente o futuro (submarino, projétil lunar, avião, helicóptero, etc.). Nas narrativas vernianas, surgem, sobretudo, as ciências no plural: Geografia, Astronomia, Cartografia, Geodesia, Ciências Naturais (fauna, flora, mineralogia). Contudo, a formação do escritor é literária e não científica. A sua curiosidade leva-o a ler, principalmente, obras de vulgarização. Desta forma, as suas máquinas, na esteira de Leonardo da Vinci, apesar da sua tecnicidade verosímil, são, sobretudo, criações imaginárias, concebidas apenas como meio de transporte através do mundo e do espaço-tempo dos seus inventores, sábios e engenheiros, que se tornam figuras emblemáticas da obra verniana, representantes do progresso e do domínio do globo terrestre e da natureza.

Como já referimos, a imaginação de Jules Verne parece não conhecer limites e, em conjugação com os seus aturados estudos, leva-o a algumas extraordinárias antecipações. Vejamos alguns exemplos. Em *Viagens e Aventuras do Capitão Hatteras*, Verne calcula o Polo Norte na latitude 83° 35' N, não muito diferente da real, a que chegará o explorador norte-americano Robert Edwin Peary, em 1909: 87° 45' N. No romance *Robur, o Conquistador*, o escritor imagina o *Albatroz*, um veículo voador mais pesado que o ar, misto de navio, dirigível e helicóptero. Ora, o 1º voo oficial acontecerá em 1906, com o *14-Bis* de Santos Dumond; e, no ano seguinte, ocorrerá o 1º voo bem-sucedido com um helicóptero, em França, com Paul Cornu. Nas obras *Da Terra à Lua* e *À volta da Lua*, o módulo lunar imaginado por Verne é lançado por um canhão capaz de lhe dar a velocidade suficiente para vencer a gravidade, evocando-nos a 1ª viagem à Lua norte-americana realizada em 1969 pela *Apollo 11*. Jules Verne antecipa, igualmente, o lançamento de um satélite artificial (*Os Quinhentos Milhões da Begum*, 1879), algo que só virá a acontecer em 1957, com a colocação em órbita pela URSS do 1º satélite artificial da Terra, o *Sputnik*. Todavia, a lista de antecipações tecnológicas vernianas continua. Na obra *O Dia de um Jornalista Americano em 2889* (1889), os Verne (Michel e Jules) descrevem o “fonotelefoto”, um sistema de comunicação interpessoal à distância que transmite as imagens por espelhos ligados por fios, tecnologia que pode ser comparada à atual videoconferência. Nessa mesma obra, surgem ainda os noticiários falados, como na rádio ou televisão; a passagem da esperança de vida dos 37 para os 68 anos; o controlo de natalidade na China; a preparação de comida assética enviada para casa; os anúncios projetados nas nuvens; um aparelho semelhante à calculadora moderna; a guerra química e biológica; etc.. No romance *A Ilha de Hélice*, para além dos audiolivros, Verne antecipa o uso da corrente elétrica para transmissão de dados e informações, vozes e imagens, algo semelhante às aplicações multimédia e à Internet. Em *Paris no século XX* (romance escrito por volta de 1863, mas apenas publicado em 1994), o autor descreve instrumentos semelhantes a grandes pianos, mas que funcionam como espantosas calculadoras ou, mesmo, computadores; e também uma espécie de telégrafo que integra uma rede global de comunicação, algo semelhante à Internet. Nas suas obras, Verne também

antecipa tecnologias bélicas, como já vimos. Podemos acrescentar outros exemplos: em *Vinte Mil Léguas Submarinas*, ele descreve uma arma que lança projéteis carregados com eletricidade estática, cujo funcionamento parece muito semelhante ao atual *taser*. Em *A Casa a Vapor*, o autor antecipa, como dissemos acima, o tanque de guerra. Finalmente, refira-se, no romance *Em Frente da Bandeira* (1896), uma arma terrível, criada por um cientista louco, que, infelizmente, evoca o poder destruidor da bomba atômica<sup>4</sup>.

Quanto ao estilo deste prolífico escritor, amante dos grandes mestres do seu tempo, ele caracteriza-se pela assimilação de uma multiplicidade de discursos exteriores (documentos científicos, cartas geográficas, narrativas de viagens, jornais, textos literários), os quais podem surgir em citação ou reescritos, ou, então, reproduzidos através da imitação, do pastiche e da paródia (cf. Hamon e Roger-Vasselín, 2000: 1384). Contudo, a sua escrita revela igualmente um espírito humorístico, como em *A Ilha de Hélice*, e uma grande sensibilidade poética. Apenas um exemplo desta última, retirado de *Vingt Mille Lieues Sous les Mers*, a propósito do êxtase provocado no Professor Aronnax pela beleza do reino de coral observado no seu habitat submarino com a ajuda dos aparelhos elétricos:

“La lumière produisait mille effets charmants en se jouant au milieu de ces ramures si vivement colorées. Il me semblait voir ces tubes membraneux et cylindriques trembler sous l’ondulation des eaux. J’étais tenté de cueillir leurs fraîches corolles ornées de délicats tentacules, les unes nouvellement épanouies, les autres naissant à peine, pendant que de légers poissons, aux rapides nageoires, les effleuraient en passant comme des volées d’oiseaux. Mais, si ma main s’approchait de ces fleurs vivantes, de ces sensibles animées, aussitôt l’alerte se mettait dans la colonie. Les corolles blanches rentraient dans leurs étuis rouges, les fleurs s’évanouissaient sous mes regards, et le buisson se changeait en un bloc de mamelons pierreux.

[...] La lumière de nos serpentins produisait parfois des effets magiques, en s’accrochant aux rugueuses aspérités de ces arceaux naturels et aux pendentifs disposés comme des lustres, qu’elle piquait de pointes de feu. Entre les arbrisseaux coralliens, j’observai d’autres polypes non moins curieux, des mérites, des iris aux ramifications articulées, puis quelques touffes de corallines, les unes vertes, les autres rouges, véritables algues encroûtées dans leurs sels calcaires, que les naturalistes, après longues discussions, ont définitivement rangées dans le règne végétal.” (Verne, 2017: 286-287).

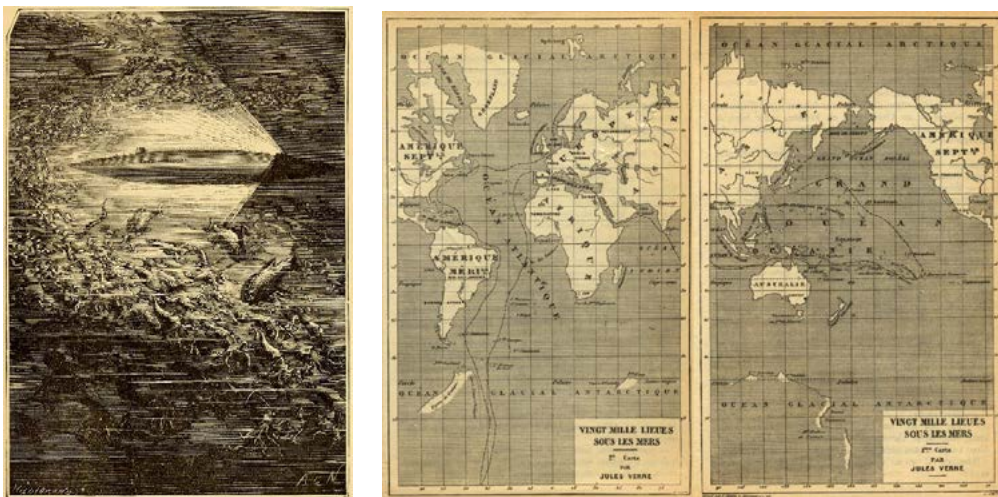
Perdoe-se-nos esta longa citação, que nos permitirá, justamente, concentrarmos agora na extraordinária odisseia submarina empreendida, em 1867-68, pelo Capitão Nemo e os seus hóspedes forçados a bordo do magnífico *Nautilus*.

4 Cf. 18 previsões de Júlio Verne que se tornaram reais (2011).

## AS VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

Partilhando a paixão da sua mais célebre personagem, o Capitão Nemo – que exclama a dado passo: “Oui! je l’aime! La mer est tout [...]. Elle n’est que mouvement et amour; c’est l’infini vivant” (Verne, 2017: 125) –, Jules Verne atribui ao mar diferentes funções: ele tanto é provedor da subsistência, como meio de iniciação, como ainda teatro de batalhas sangrentas; mas o mar é igualmente uma entidade ambivalente, capaz de levar as personagens a bom porto ou, pelo contrário, de induzi-las em erro e tomar um continente por outro. Note-se que, sendo “la mer” um vocábulo do género feminino em francês e homónimo de “la mère” – a mãe –, as funções acima enunciadas são muito evidentes para o leitor francófono conhecedor dos estereótipos de género oitocentistas.

Em 1867, Verne viaja com o irmão Paul até aos Estados-Unidos a bordo do *Great-Eastern*, navio construído para a colocação do cabo telefónico transoceânico. No regresso, o autor inicia a criação do romance *Vinte Mil Léguas Submarinas*, grande parte do qual foi escrita no seu “gabinete flutuante”, isto é, a bordo do barco *Saint-Michel (I)*.



Figuras 2 e 3: O *Nautilus* e a sua rota de 20.000 léguas submarinas.

*Vinte Mil Léguas Submarinas* é um romance de aventuras, composto por duas partes (24 e 23 capítulos respetivamente). Trata-se do 6º título da série das *Viagens Extraordinárias*, difundido tanto em folhetim, no *Magasin Illustré d’Éducation et de Récréation* entre 20 de março de 1869 e 20 de junho de 1870, como em dois vol. in-18 respetivamente em outubro de 1869 e junho de 1870, nas Edições Hetzel. Contudo, a grande edição in-8, encadernada e ilustrada com 111 desenhos de Riou e Neuville, surgiu apenas em novembro de 1871, devido à guerra franco-prussiana e à situação conturbada da Comuna de Paris. Desde a sua publicação, esta narrativa tem sido considerada uma das obras-primas de Jules Verne e da literatura de imaginação mito-científica. Durante a vida do autor, foram vendidos 50 000 exemplares in-18, colocando este romance no

3º lugar dos *best-sellers* vernianos. Ademais, é o 5º livro mais traduzido no mundo e o 2º de um escritor francês (em 174 línguas, tal como *Alice no País das Maravilhas* [Lewis Carroll], e depois de *A Bíblia*, *O Príncipezinho* [Antoine de Saint-Exupéry], *As Aventuras de Pinóquio* [Carlo Collodi] e *Viagem do Peregrino* [John Bunyan]<sup>5</sup>).

A história do romance *Vinte Mil Léguas Submarinas* pode resumir-se da seguinte forma: em 1866, surge supostamente um animal monstruoso, avistado em vários pontos dos diferentes oceanos. Tratar-se-ia, de acordo com vários relatos, de uma criatura fusiforme, fosforescente e extraordinariamente veloz, apontada como responsável por numerosos naufrágios, devido à sua força colossal, capaz de destruir todo o tipo de navios, de madeira ou aço. O Professor Pierre Aronnax, reputado naturalista do Museu Nacional de História Natural de Paris, coloca a hipótese de se tratar de um gigantesco narval. O suposto monstro constitui uma ameaça terrível para todos os mares, e as companhias de seguros pretendem cobrar preços exorbitantes enquanto a criatura não for eliminada.

Sob a responsabilidade do Comandante Farragut, prepara-se, então, uma caçada a bordo da fragata da marinha americana *Abraham Lincoln*. O Professor Aronnax, encontrando-se em Nova Iorque na altura, é convidado pelo governo norte-americano a integrar esta expedição, o que ele faz com gosto, acompanhado do seu fiel criado flamengo, Conseil. Já a bordo, encontram Ned Land, hábil arpoador quebequense.

Depois de vários meses de navegação, finalmente, dá-se o confronto com o monstro. A fragata sofre danos consideráveis, e os nossos três heróis caem ao mar. Após uma noite à deriva e prestes a sucumbir, os naufragos são recolhidos pela tripulação de uma estranha máquina submergível feita de chapa de aço, muito avançada tecnologicamente em relação à sua época, e que era, afinal, o famigerado “monstro marinho”. Os três homens, recebidos a bordo com todas as comodidades depois de algumas horas de angustioso cárcere, tornam-se, no entanto, cativos do Capitão Nemo para o resto das suas vidas, visto que, se pretenderem abandonar este navio incomparável, serão mortos impiedosamente.

Não obstante, o Professor Aronnax encontra no Capitão um homem de brilhante espírito científico, engenheiro, que lhe revela os segredos do *Nautilus* e dos Sete Mares. Esta narrativa romanesca torna-se, assim, a relação, redigida pelo naturalista francês à maneira dos diários de bordo, da “volta ao mundo submarino” na companhia do flamengo Conseil e do canadiano Ned Land, como ele prisioneiros do Capitão Nemo e da sua estranha tripulação.

Iniciada esta extraordinária viagem de exploração no fundo dos mares às 12 horas do 8 de novembro de 1867 (Verne, 2017: 159), sucedem-se, meses de errâncias fabulosas. Para além do deslumbramento proporcionado pela contemplação das paisagens submarinas e seus habitantes através da janela do salão do *Nautilus*, as personagens vivem extraordinárias aventuras: descobrem tesouros afundados, a Atlântida, destroços de antigos navios, as ilhas do Pacífico, a banquisa do Polo Sul; caçam em florestas

5 Cf. <https://espritfreelance.com/2018/02/20/les-15-livres-les-plus-traduits/>.

subaquáticas, combatem polvos gigantes; travam batalhas navais contra Inglaterra. Ao final de dez meses, os três heróis sobrevivem a um terrível “maelström” (vórtice marinho), evadem-se e dão à costa da Noruega. Contudo, o destino do *Nautilus* e do Capitão Nemo, bem como a sua verdadeira identidade, permanecem um enigma<sup>6</sup>.

As personagens deste romance são fascinantes, tanto para o público-alvo da época como para o leitor dos nossos tempos. Pierre Aronnax, homem na casa dos quarenta anos, médico e naturalista, exerce atualmente o cargo de professor substituto no Museu Nacional de História Natural de Paris e é o narrador da história. Especialista de mineralogia, botânica e zoologia, o seu olhar mostra-se sempre informado e curioso, sendo ele o responsável pelas numerosas e longas digressões de caráter científico presentes no romance, juntamente com o Capitão Nemo, para gáudio de certos leitores e desespero de muitos outros... Autor de um conceituado tratado intitulado *Os Mistérios dos Grandes Fundos Submarinos*, ele mostra o seu vasto conhecimento em ictiologia, com o apoio do fiel Conseil. Através dos doutos diálogos das personagens, Verne revela o seu domínio perfeito do vocabulário específico associado aos estudos oceanográficos, caracterizando-se as suas descrições pela enumeração enciclopédica.

O Capitão Nemo é uma personagem emblemática do romance. O comandante do *Nautilus*<sup>7</sup>, apesar da sua inteligência fora do comum, revela um caráter frio, distante e misantropo. São razões pessoais que o levam a odiar a raça humana. Segundo ele, a felicidade só pode ser encontrada no mar, que lhe fornece alimento e tudo de que necessita, assim como energia e múltiplos motivos de maravilhamento. O *Nautilus* é um assombroso feito científico-tecnológico concebido e realizado por ele e numerosos amigos e colegas engenheiros. Exilando-se da vida terrestre, corroída pelos vícios e ódios humanos, o Capitão Nemo e a sua tripulação veem no submarino uma libertação que lhes permite viver de acordo com os seus princípios. No final do romance, o seu destino permanece um mistério.

Conseil é o fiel e habilidoso criado do Professor Aronnax. Flamengo de trinta anos, revela um temperamento impassível, solícito, habilitado para qualquer trabalho. O seu grande prazer consiste na memorização da classificação das espécies, embora não consiga reconhecê-las ao vivo.

Por seu turno, o quebequense Ned Land é um colosso colérico, arpoador da fragata *Abraham Lincoln* da marinha americana, mestre na caça à baleia, tanto como na efabulação. No entanto, os seus conhecimentos de natureza prática constituem um

6 O estranho Capitão Nemo, conforme será revelado anos mais tarde no romance *A Ilha Misteriosa*, é, na verdade, um príncipe hindu insurreto contra o imperialismo inglês e em rutura com a totalidade da Humanidade e do mundo terrestre, retirando toda a sua subsistência dos recursos proporcionados exclusivamente pelos oceanos.

7 Simone Vierne nota que, apesar de ser um aparelho mecânico, o *Nautilus* é igualmente mitológico. O seu nome provém dos argonautas, animais também chamados náutilos [cf. Verne, 2017: 300-302]. Mas faz sobretudo referência a Jonas, personagem bíblica, pois ele é como uma baleia mítica, monstro sagrado, salvador e destruidor, assim como “arca santa”, como diz o narrador [cf. Verne, 2017: 89; 268] (cf. Vierne, 1977 – apud *Thématique de l’œuvre de Jules Verne*, 2018: 7).

excelente complemento ao saber teórico de Aronnax. Dos três hóspedes inesperados, ele é o menos conformado com a vida a bordo do submarino e, sobretudo, com a comida, da qual estão ausentes todos os produtos de origem terrestre, procurando constantemente um modo de fuga a esta privação perpétua da liberdade de regressar ao mundo social dos continentes.

A temática deste romance combina várias questões. Por um lado, a antecipação de uma tecnologia revolucionária, em que a energia elétrica substituiria a energia a vapor, que permitiria o estudo direto do mundo submarino. Por outro, a personagem misteriosa de Nemo conjuga o seu isolamento da sociedade e inusitado refúgio nas profundezas dos oceanos com o seu desejo de conquista (nomeadamente quando desfralda a sua bandeira ao desembarcar no Polo Sul), mas é igualmente movido por uma condenável ânsia de destruição dos seus inimigos. Em oposição, verifica-se o constante desejo de liberdade do canadiano Ned Land. Contudo, esta obra é, sobretudo, uma narrativa iniciática, na qual as personagens transpõem o limiar do desconhecido, aqui o fundo dos oceanos. Alicerçada nos conhecimentos científicos da sua época, ela revela, contudo, a prodigiosa imaginação do autor ao antecipar a possibilidade de exploração do mundo submarino. Para além disso, descreve-se a passagem do *Nautilus* sob o canal do Suez antes da sua abertura oficial, assim como sob a Antártida, antes de abordar o continente do Polo Sul. Ao longo do romance, J. Verne fornece ainda alguns descritivos precisos nas áreas da Oceanografia, da Biologia Marinha e da Ictiologia. Ademais, no início do século XXI, a hipótese catastrófica de as medusas virem a substituir os peixes e mamíferos nos oceanos é, infelizmente, bem mais real do que J. Verne poderia ter imaginado.

Um dos aspetos mais curiosos do romance é, como já referimos, a antecipação, a partir da tecnologia coeva, de uma máquina submergível capaz de realizar o périplo dos oceanos. Batizado em homenagem ao *Nautilus*, criado em 1797 pelo engenheiro americano Robert Fulton, o submarino de J. Verne move-se a eletricidade, produzida pela utilização do sódio que o Capitão Nemo retira do mar! Contudo, o primeiro submarino realmente operacional, o *Narval*, concebido por Maxime Laubeuf, surge apenas em 1899 e utiliza uma propulsão mista de máquina a vapor e eletricidade. Em 1954, o primeiro submarino nuclear é batizado *USS Nautilus* (SSN-571). Por outro lado, quanto à antecipação da tecnologia que diz respeito ao não menos espantoso escafandro autónomo do Capitão Nemo e à caça submarina, J. Verne cita os nomes de Benoît Rouquayrol, Auguste Denayrouze, Heinrich Daniel Ruhmkorff, Cowper Phipps Coles (que ele designa Philippe Coles)<sup>8</sup>.

Para concluir, importa referir que as *Vinte Mil Léguas Submarinas* constituem a 2ª obra de uma trilogia iniciada com *Os Filhos do Capitão Grant* (1867-68) e concluída com *A Ilha Misteriosa* (1874-75). Neste último romance, são dadas as respostas deixadas em suspenso nos dois anteriores, nomeadamente quanto ao destino do con-

8 Cf. *Vingt mille lieues sous les mers*. (2019). *Wikipédia, l'encyclopédie libre*.

denado Ayrton (*Os Filhos...*) e do Capitão Nemo, cuja verdadeira identidade é enfim revelada: príncipe hindu escorraçado da sua pátria pelos Ingleses e agora o Deus invisível da *Ilha Misteriosa*. Gostaríamos de terminar com as seguintes afirmações de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, que sintetizam bem a importância de J. Verne no contexto da literatura universal:

“Mais do que mágico ou adivinho, ou até, no entender de alguns, um dos fundadores da antecipação científica, Jules Verne era simplesmente um homem do seu tempo, extremamente sensível e curioso sobre a riqueza das descobertas científicas, das quais se informava criteriosamente, com uma atenção constante e meticulosa; um homem apaixonado pelo mar e pelas viagens, um romancista fascinado pela aventura, pela intriga, pelo mistério, um trabalhador infatigável, atrelado quotidianamente à tarefa de integrar nos seus romances as conquistas e as descobertas dos sábios da sua época, prolongando-as com profusas extrapolações; um criador que não entrava em concorrência com a ciência, mas que sabia como fazer irradiar a sua poesia poderosa e, por vezes, terrível, elevando-a a mitos fascinantes, e que, à escurta de um mundo em plena transformação pela velocidade dos transportes, pelo caminho-de-ferro e pelos transatlânticos, pela aceleração do tempo, presente aventuras em que o homem e a máquina irão formar um par com um destino fabuloso.” (Oliveira, 2017: 485)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

18 previsões de Júlio Verne que se tornaram reais. (2011, junho 21). *Blog JVernePt*. <http://jvernept.blogspot.com/2011/06/>. (data de consulta: fevereiro de 2019).

ANGELIER, François (2006). *Dictionnaire Jules Verne. Entourage, personnages, lieux, œuvres*. Paris: Pygmalion.

BARTHES, Roland (1957). “ ‘Nautilus’ et ‘Bateau ivre’ ” in *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, pp. 75-77.

BOIA, Lucian (2005). *Jules Verne: les paradoxes d’un mythe*. Paris: Belles Lettres.

CHELEBOURG, Christian (1990). “Préface” in Jules Verne. *Vingt Mille Lieues sous les Mers*. Paris: Librairie Générale Française, pp. 7-30.

COMPÈRE, Daniel (1991). *Jules Verne écrivain*. Paris: Droz.

COMPÈRE, Daniel (1996). *Jules Verne. Parcours d’une œuvre*. Amiens: Encrege.

DUMAS, Olivier (2000). *Voyage à travers Jules Verne*. Montréal: Stanké.

DUPUY, Lionel (2009). *Géographie et imaginaire géographique dans les Voyages Ex-*

*traordinaires de Jules Verne: Le Superbe Orénoque (1898)*. Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade de Pau e dos Pays de l'Adour [http://jules-verne.pagesperso-orange.fr/These\\_Lionel\\_Dupuy.pdf](http://jules-verne.pagesperso-orange.fr/These_Lionel_Dupuy.pdf) (data de consulta: fevereiro de 2019).

FABRE, Michel (2004). *Le problème et l'épreuve. Formation et modernité chez Jules Verne*. Paris: Éditions de L'Harmattan.

GITON, Céline (2011). *Jules Verne, le bestiaire extraordinaire*. Bordeaux: Le Castor Astral.

HAMON, Philippe e ROGER-VASSELIN, Denis (dir.) (2000). "Verne" in *Le Robert des Grands Écrivains de Langue Française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, pp. 1382-1389.

LEMAÎTRE, Henri (dir.) (1994). "Verne, Jules" in *Dictionnaire Bordas de Littérature Française*. Paris: Bordas, pp. 869-870.

*Jules Verne* (1998). Paris: Hachette Livre Multimédia (CD-ROM).

"Jules Verne" in *Jules Verne* (2017). *Vingt Mille Lieues sous les Mers*. Paris: Librairie Générale Française, pp. 599-606.

*Jules Verne et le "Roman Scientifique de son Temps"*. *Bibliographie sélective* (2015). Bibliothèque nationale de France direction des collections département Littérature et art [http://www.bnf.fr/documents/biblio\\_verne.pdf](http://www.bnf.fr/documents/biblio_verne.pdf) (data de consulta: janeiro de 2019).

MINERVA, Nadia (1996). *Jules Verne aux confins de l'utopie*. Paris: Éditions de L'Harmattan.

OLIVEIRA, Carlos C. M. de (2017). "As Viagens Extraordinárias de Jules Verne e as Vinte Mil Léguas Submarinas" in *Jules Verne, Vinte Mil Léguas Submarinas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, pp. 485-498.

RAYMOND, François e VIERNE, Simone (dir.) (1979). *Jules Verne et les Sciences Humaines*. Actes d'un Colloque de Cerisy-la-Salle. Paris : Union Générale d'Éditions.

SERRES, Michel (1974). *Jouvences sur Jules Verne*. Paris: Éditions de Minuit.

Thématique de l'œuvre de Jules Verne. (2018, março 18). *Wikipédia, l'encyclopédie libre*. [http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Th%C3%A9matique\\_de\\_l%27%C5%93uvre\\_de\\_Jules\\_Verne&oldid=146571639](http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Th%C3%A9matique_de_l%27%C5%93uvre_de_Jules_Verne&oldid=146571639). (data de consulta: janeiro de 2019).

VERNE, Jules (2014). *L'Île Mystérieuse*. Paris: Elcy Éditions, II vols.

VERNE, Jules (2014). *Vingt Mille Lieues sous les Mers*. Paris: Elcy Éditions, II vols.

VERNE, Jules (2017). *Vingt Mille Lieues sous les Mers*. Paris: Librairie Générale Française.

VERNE, Jules (2017). *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Trad. de Carlos C. M. de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

VIERNE, Simone (1973). *Jules Verne et le roman initiatique*. Paris: Les Éditions du Si-rac.

VIERNE, Simone (1977). "Introduction" in Jules Verne, *Vingt Mille Lieues Sous Les Mers*. Paris: Garnier-Flammarion.

Vingt mille lieues sous les mers. (2019, janeiro 10). *Wikipédia, l'encyclopédie libre*. [http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Vingt\\_mille\\_lieues\\_sous\\_les\\_mers&ol-did=155686937](http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Vingt_mille_lieues_sous_les_mers&ol-did=155686937). (data de consulta: janeiro de 2019).

## FONTES DAS IMAGENS:

Figura 1:

[http://loveread.ec/read\\_book.php?id=69522&p=110](http://loveread.ec/read_book.php?id=69522&p=110) (data de consulta: fevereiro de 2019).

Figura 2 e 3:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Twenty\\_Thousand\\_Leagues\\_Under\\_the\\_Sea#/media/File:Nautilus\\_Neuville.JPG](https://en.wikipedia.org/wiki/Twenty_Thousand_Leagues_Under_the_Sea#/media/File:Nautilus_Neuville.JPG).

e

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Vinte\\_Mil\\_L%C3%A9guas\\_Submarinas#/media/File:Nautilus\\_route\\_montage.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vinte_Mil_L%C3%A9guas_Submarinas#/media/File:Nautilus_route_montage.jpg) (data de consulta: fevereiro de 2019).